

EP 13 – JOCA REINERS TERRON

Meu livro de cabeceira, eu tenho muitos livros de cabeceira, mas eu resolvi falar desse aqui, que é o “PanAmérica”, do José Agrippino de Paula. Essa é a primeira edição de 1967.

-

Eu demorei algum tempo para ler o livro porque ele não é um livro fácil. A história, ele não tem propriamente uma história, ele tem uma espécie de consciência que se chama apenas “eu” e que circula, começa circulando por um estúdio de Hollywood, acompanhando Burt Lancaster, o ator.

Ele se encontra com diversos personagens da cultura pop norte-americana, como por exemplo Joe DiMaggio, Marilyn Monroe. E ele não precisou criar nenhum personagem, ele se apropriou de elementos, de figuras icônicas da cultura, e os usou como personagens, mas eles não são propriamente aqueles nomes que eles encaram, eles não são a mesma pessoa da realidade.

É um livro altamente psicodélico, muito visual e muito violento, tem uma violência inclusive política.

-

Eu consegui o primeiro exemplar do “PanAmérica” quando ele foi reeditado pela Max Limonada em 1998, antes disso ele era impossível de ser encontrado. Esse mesmo, essa primeira edição, eu só consegui muitos anos depois e paguei caro por ela.

E, mesmo assim, eu levei alguns anos para conseguir ler o livro inteiro, parece que eu precisava de um momento ideal. Eu lia fragmentos, eu abria trechos, eu li e reli muitíssimos capítulos do livro, e muitas vezes, mas eu nunca tinha pego o livro e lido da primeira linha até à última. Eu tinha impressão que ele não exigia isso do leitor, ele propunha uma liberdade que você podia abrir fragmentos e não há um argumento propriamente.

E foi um livro que quando eu li, eu achei que não era possível existir um livro desse jeito. Muitos anos depois, porque eu já ouvia falar, já era um livro lendário, e quando eu finalmente conseguir arranjar, consegui um exemplar dele, eu fiquei perplexo por que eu não podia conceber a literatura de ficção de uma forma tão livre, e foi uma descoberta que me acompanha até hoje.

-

Naquele período, existia uma renovação da literatura francesa que é o Nouveau Roman, George Perec e outros. E no Estados Unidos havia também um movimento semelhante que é o do Pós-modernismo, o Donald Barthelme, John Barth, Robert Culver e outros caras também. Talvez a obra do Agrippino se encaixasse, se alinhasse com essas vanguardas daquele período, só que, ao contrário deles, que eram escritores que trabalhavam em movimentos, que tinham grupos, o Agrippino estava

sozinho, e eu acho que ele dialogava mais com o pessoal de outras formas artísticas, da canção popular, do cinema, o pessoal do cinema marginal do período do final dos anos sessenta, começo dos setenta, e com o teatro. Então o diálogo dele era com outras artes e não propriamente com outros escritores.

E se eu fosse escrever como o Agrippino, seria uma imitação facilmente detectável. Tenho impressão que a influência dele se dá mais na liberdade estrutural e fragmentária do “PanAmérica”, certamente você pode encontrar isso nos meus livros.

Então eu tenho impressão que nesse sentido, essa liberdade de escrever e colocar dentro de um livro tudo que você bem entender, não se ater ao realismo, ou às formas mais ortodoxas de expressão literária.